Filêmon e Onésimo

I

Mesmo do ponto de vista literário, a Epístola de são Paulo a Filêmon sempre passou por obra-prima. Se é verdade, como se diz, que é o coração que torna eloquente, *pectus est quod disertos facit*, como essa carta, em que se revela por inteiro o coração do grande Apóstolo, não seria uma obra-prima? Quanto mais se a lê, mais se a admira. São Paulo a escreveu de Roma, durante sua primeira prisão, no ano 60 de Nosso Senhor, quarto do reinado de Nero, sendo esse príncipe cônsul pela terceira vez com Valério Messala.

II

Várias vezes se tratou, em nossas Biografias, da primeira prisão de são Paulo em Roma. Ainda existe; eis como a vimos. Supomos que o leitor não se aborrecerá em conhecê-la.

Acabávamos de visitar a igreja de São Marcelo no Corso, tão rica de comoventes e sublimes lembranças. Só tivemos a rua a atravessar para nos achar na igreja de Santa Maria in Via Lata, edificada sobre a própria prisão de são Paulo: era o dia 5 de janeiro de 1842.

III

Confesso que viva emoção me tomou ao pôr o pé nesse novo teatro de nossa cristã curiosidade. Como poderia evitá-la? Pisava a terra que o grande Apóstolo ele mesmo pisara. Ia descer sob abóbadas que ressoaram com sua voz. Ia visitar um lugar que vira Paulo, o altivo prisioneiro de Jesus Cristo; Lucas, seu incomparável companheiro; Epafrodito, bispo de Filipos, vindo trazer a Paulo uma soma de dinheiro da parte de seus bem-amados discípulos; Onesíforo de Licaônia, Onésimo e muitos outros cujos nomes veneráveis brilham com tão doce fulgor nos anais da Igreja primitiva.

IV

Acima da porta de uma escada subterrânea, leem-se estas palavras, que fazem estremecer:

> *Cum venissemus Romam, permissum est Paulo manere sibimet cum custodiente se milite: Quando chegámos a Roma, deo-se licença a Paulo que ficasse onde quizesse com hum soldado que o guardasse.*

Sabe-se que, entre os romanos, havia duas espécies de prisões: a prisão pública e a *libera custodia* , ou casa particular, em que o prisioneiro era guardado à vista.

V

A porta abriu-se e descemos à prisão. É bem aqui, sob essas sombrias abóbadas, enegrecidas pelo tempo e formadas, como todas as substruções romanas, de grandes blocos de travertino, que o grande Apóstolo foi depositado ao chegar da Ásia, em sua primeira viagem a Roma. É aqui que permaneceu, atado por uma corrente ao braço de um soldado, durante dois anos inteiros.

VI

Entretanto, o Apóstolo compareceu diante de Nero. Fez-se-lhe meia justiça, isto é, deixaram-lhe seu guarda, sua corrente e sua prisão, mas permitiu-se-lhe pregar. Paulo aproveitou largamente essa liberdade. Sua prisão não se esvaziava; anunciava com segurança, aos judeus e aos gentios, o Senhor Jesus.

VII

Ele próprio nos ensina. Em sua segunda carta a Timóteo, datada dessa mesma prisão, escreve esta palavra digna de sua grande alma: *«Estou na prisão, mas a palavra de Deus não está acorrentada.»*

Depois, com perfeita liberdade de espírito, o prisioneiro de Nero descia ao pormenor de todos os negócios da Igreja e rogava a seu discípulo que lhe trouxesse a capa e os papéis.

VIII

Aqui são Lucas escrevia, sob os olhos de Paulo, os Atos dos Apóstolos. São Pedro, não se poderia duvidar, veio fazer-lhe frequentes visitas, e Deus sabe que palavras foram trocadas, que projetos foram concebidos nessa prisão! Felizes muralhas, falai, pois, e dizei-nos o que ouvistes! Mas não; é à fé compreendê-lo e ao coração senti-lo.

IX

Só vimos nessa venerável prisão um modesto altar e, num canto, perto do respiradouro, uma coluna de granito cercada por uma corrente antiga, selada em sua base. Com essa corrente, nessa mesma coluna, a tradição afirma que, antes de sua conversão, Marcial, o carcereiro, atava Paulo, seu cativo, e os outros prisioneiros. Uma mão engenhosa gravou na coluna estas palavras do próprio Paulo: *Sed Verbum Dei non est alligatum*: *«Mas a palavra de Deus não está acorrentada.»*

X

Na outra extremidade da prisão há uma fonte de água límpida, que permanece sempre no mesmo nível. O Apóstolo a fez jorrar milagrosamente para batizar Marcial e outros catecúmenos. O mesmo milagre se renova com frequência na Igreja primitiva. Nada mais natural, porque nada era mais necessário.

XI

Como dissemos, foi nessa mesma prisão que foi escrita a imortal carta a Filêmon: eis a ocasião. Filêmon, já de certa idade, era um rico habitante de Colossos, cidade da Frígia, às margens do Meandro, e uma das primeiras convertidas à fé por são Paulo. Temos uma carta do grande Apóstolo dirigida aos caros neófitos dessa célebre cidade. Tornado cristão, bem como sua mulher Ápia, Filêmon mudou sua casa em igreja ou oratório. Essa santa casa ainda se via no tempo do historiador Teodoreto, no século V.

XII

Como todos os ricos entre os gentios, Filêmon tinha escravos. Um deles se chamava Onésimo. Tomado de amor por são Paulo, que ouvira pregar, o jovem escravo foge da casa de seu senhor, a quem subtrai uma soma de dinheiro. Com dificuldades e penas que a história não diz, mas que se podem facilmente imaginar, chega até Roma. Seu primeiro cuidado é ir ter com são Paulo em sua prisão e pôr-se a seu serviço.

XIII

O grande Apóstolo logo sabe o que fez Onésimo: escreve a Filêmon e encarrega o próprio Onésimo de levar sua carta. Lembrando a Filêmon os numerosos serviços que prestou e continua a prestar aos cristãos, são Paulo lhe diz:

> *“Pois tenho tido grande gozo, e consolação na tua caridade: por quanto as entranhas dos santos por ti, irmão, forão confortadas. Pelo que, ainda que eu*

> *tenha muita liberdade em Jesu Christo, para te mandar o que te convem: com tudo antes te rogo com caridade, porque tu és tal como Paulo, velho, e actualmente até preso de Jesu Christo:*

XIV

> *Rogo-te por meu filho Onesimo, que eu gerei nas prisões, o qual em algum tempo te foi inútil, mas agora he util assim para mim, como para ti,[1] o qual te tornei a enviar. E tu recebe-o, como ás minhas entranhas. Eu queria demorallo comigo, para que me servisse por ti nas prisões do evangelho: mas sem o teu consentimento nada quiz fazer, para que o teu beneficio não fosse como por necessidade, senão voluntario. Porque talvez elle se apartou de ti por algum tempo, para que tu o recobrasses para sempre: não já como hum servo, mas em vez de servo, hum irmão muito amado, principalmente de mim: e quanto mais de ti assim na carne, como no Senhor? Por tanto se me tens por companheiro, recebe-o como a mim: e se algum danno te fez, ou te deve alguma cousa, carrega-o sobre mim. [...] Eu te escrevi estas cousas na confiança que a tua obediencia me dá: sabendo, que farás ainda mais de quanto digo.*[2]

XV

As comoventes súplicas de são Paulo não foram vãs. Todas as suas esperanças foram cumpridas. Onésimo achou em Filêmon não mais um senhor, mas um irmão, mas um pai, cuja alegria foi tanto maior quanto Onésimo correspondeu maravilhosamente às bondades de Filêmon e à caridade do grande Apóstolo. Tal foi sua santidade que mereceu não só ser honrado com o sacerdócio, mas ainda com a dignidade episcopal.

XVI

Vede o que podem a graça e a fidelidade à graça! O pobre escravo fugitivo torna-se sacerdote, bispo, mártir e uma das mais puras glórias da Igreja primitiva. Ordenado bispo pelo próprio são Paulo, Onésimo recebeu dele a missão de pregar o Evangelho, sem estar ainda ligado a nenhuma Igreja particular, como se explica o Martirológio de Usuardo.

Depois da morte de seu pai espiritual, Onésimo percorreu as diferentes regiões do Oriente e do Ocidente, sobretudo aquelas em que o grande Apóstolo espalhara a semente evangélica.

XVII

A 23 de setembro, o Necrológio dos gregos faz assim menção de sua pregação na Espanha:

> *Xantipa e Polixena, duas irmãs, tornam-se companheiras dos anjos. Eram originárias da Espanha e viviam sob o império de Cláudio. Xantipa era esposa de Probo, governador da província. Foi instruída pelo Apóstolo são Paulo, que percorria o país; pouco depois, seu marido recebeu o mesmo favor.*

XVIII

> *Polixena, raptada por um malvado, escapa a seus ataques, conserva sua virgindade e foi batizada pelo Apóstolo santo André.*

> *Como à sua palavra grande número se convertia, tomou consigo Onésimo, o apóstolo, e voltou à Espanha, sua pátria. Depois de muitas travessias e de uma navegação perigosa, reencontrou sua irmã Xantipa. Ambas passaram santamente a vida e foram gozar no céu da paz eterna.*

Quanto a Onésimo, continuou sua missão até que por fim se tornou o sucessor, não imediato, de são Timóteo na sé arquiepiscopal de Éfeso.

XIX

São Timóteo, o bem-amado discípulo de são Paulo e por ele estabelecido bispo de Éfeso, quisera, como seu ilustre mestre, opor-se ao culto sacrílego que os efésios prestavam a Diana, isto é, a um demônio escondido sob esse nome mentiroso. Assaltado de pedras pelos pagãos, foi deixado meio morto. Os cristãos mal puderam levá-lo para fora da cidade, para um lugar retirado, onde logo morreu.

XX

Quem sucederá, não imediatamente mas mais tarde, ao ilustre Pontífice, ao amigo do grande Apóstolo, morto no ano 83 ou 84 de Nosso Senhor, sob o império de Domiciano? É Onésimo. Era

preciso que a virtude desse caro escravo fosse bem brilhante para fixar, entre todos, os olhares dos sacerdotes e dos fiéis chamados a preencher a sé de são Timóteo e a tornar-se o primaz da Ásia. Onésimo não enganou a expectativa deles.

XXI

Quando, por volta do ano 109, sob o império de Trajano, o grande santo Inácio de Antioquia era conduzido a Roma para ser devorado pelos leões do anfiteatro, Onésimo fez questão de ir saudar o glorioso mártir.

A esse ato de fraternidade, santo Inácio respondeu com uma carta aos cristãos de Éfeso, em que se exprime assim:

> *Recebi vossa numerosa Igreja na pessoa de Onésimo, que não se pode louvar bastante por causa de sua caridade e que é vosso bispo. Desejo de toda a alma que o ameis em Jesus Cristo e que todos vos torneis semelhantes a ele. Bendito seja Deus, que vos tornou dignos de ter tal bispo!*

XXII

Santo Onésimo não tardou a seguir pelo caminho do martírio o glorioso bispo de Antioquia. Preso, acorrentado, conduzido a Roma para servir de espetáculo ao povo, foi apedrejado. Fixa-se seu martírio no ano 110, sob Trajano, sendo Tértulo prefeito de Roma.

Eis em que termos o Martirológio Romano fala de santo Onésimo:[3]

> *No décimo quarto das calendas de maio (16 de fevereiro), em Roma, natividade do bem-aventurado Onésimo, a respeito de quem são Paulo escreve a Filêmon, que ele mesmo ordenou bispo de Éfeso depois da morte de Timóteo, confiando-lhe o ministério da palavra. Tendo sido conduzido a Roma, foi apedrejado pela fé de Cristo. Enterrado primeiro em Roma, foi levado de volta ao lugar de que fora bispo.*

XXIII

Quanto ao caridoso Filêmon, recebeu dupla recompensa, bem como sua mulher, a virtuosa Ápia. Esses dois admiráveis discípulos e amigos de são Paulo haviam permanecido em Colossos. Sob o

império de Nero, os adoradores de Diana invadiram a igreja dos cristãos e prenderam Filêmon e Ápia.

Arrastados ao tribunal do governador Artocles, foram açoitados com varas, depois enterrados até a cintura e mortos a pedradas. O Martirológio Romano fixa sua festa em 22 de dezembro.

XXIV

Se a Biografia de são Filêmon nos faz admirar a caridade e a coragem cristã, a de santo Onésimo nos lembra esta palavra do grande Apóstolo: *«tudo posso naquelle, que me conforta»*; tudo é possível ao que é fiel à graça: *Omnia possum in eo qui me confortat*.[4]

Notas

[1] «Não cumpria a significação de seu nome de Onésimo, que quer dizer útil; hoje a cumpre por sua conversão, por suas excelentes disposições a vosso respeito, pelos serviços que me presta e pelos méritos de que será para vós a ocasião.»

[2] Em seu comentário a esta Epístola, Teofilacto diz que estas palavras: «e se algum danno te fez», aludem ao dinheiro subtraído por Onésimo.

[3] Uma falta se introduziu no venerável Martirológio sobre a ordenação de santo Onésimo como sucessor de são Timóteo, por são Paulo. O grande apóstolo morreu antes de são Timóteo.

[4] Ver: Cor. a Lap., *in Philem.*; S. Ignat., *Epist.* xiv; Bar., an. 60, n. 41; an. 110, n. 10; *Annot. ad Martyrol.* 22 décemb.; *ibid.*, 16 febr.; Bede, Usuard., Surius, t. I, etc., etc.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:06:25 by Admin
Updated 27 November 2026 01:06:25 by Admin